



FERNANDO PESSOA: NOTAS DE UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

Anaxsuell Fernando da Silva¹

RESUMO

Os poemas de Fernando Pessoa (1888-1935), trazem consigo uma discussão sobre religiosidade. Apesar de declarar-se um cristão gnóstico, e de não se alinhar a nenhuma doutrina estabelecida, o poeta lusitano estava convencido de que não havia intermediários para o sagrado. Sua fé pessoal era inquieta e multiforme e manifestava-se através dos vários heterônimos por ele criados. A presente pesquisa pretende discutir, preliminarmente, as representações da religiosidade presente na obra poética de Fernando Pessoa, seja em seu conteúdo manifesto ou no conteúdo latente de seus poemas. Que demonstraram as suas similitudes e “contradições” da sua concepção de religiosidade.

Palavras-Chave: Antropologia literária; Fernando Pessoa; Poesia; Religião

1INTRODUÇÃO

Paro à beira de mim e me debruço...
Abismo...
E nesse abismo o universo.
Com seu Tempo e seu Espaço é um astro e nesse
Abismo há outros universos, outras
Formas de Ser com outros tempos, Espaços
E outras vidas diversas desta vida...
O Espírito é uma estrela... o Deus pensando
É um sol... e há mais Deuses, mais espíritos
Doutras maneiras de realidade

Mistério do Mundo. Fernando Pessoa

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte.

Poeta do século XX, considerado um dos maiores nomes da literatura portuguesa, Fernando Pessoa foi um obsessivo investigador do conhecimento, ou melhor, das novas possibilidades ou impossibilidades de um conhecimento objetivo do homem/palavra/mundo/religiosidade/Deus, em um universo em acelerada transformação. Ele fez da sua arte um veículo para o conhecimento e expressão do sagrado.

Pode-se dizer que é esse o fulcro filosófico que unifica ou identifica, na origem, seus diversos heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) ou os semi-heterônimos (Bernardo Soares, Barão de Teive, Vicente Guedes, José Pacheco, Antônio Mora, entre outros). Por diferentes que se mostrem entre si, igualam-se todos por um impulso de raiz: a ânsia de conhecer. Comentando acerca de suas mais variadas manifestações, Leila Perrone Moisés afirma: “O milagre de Pessoa é justamente o de conseguir dizer o mesmo de tantas formas que estes é sempre o outro”². O poeta e ensaísta português, Adolfo Casais Monteiro, que não somente travou o conhecimento com Fernando Pessoa, mas chegaram a trocar correspondências, afirma:

Uma grande força poética, uma poderosa inspiração, podem ou não coincidir com uma poderosa inteligência crítica, com um espírito rigoroso e analítico; mas, em Pessoa, o equilíbrio entre elas é, no melhor de quanto nos deixou, a característica fundamental do seu gênio. Só esse equilíbrio pode explicar a ‘coexistência’ desses vários poetas entre si e que Fernando Pessoa tenha podido ser, ao mesmo tempo, clássico e moderno, espiritualista, materialista e panteísta – senão existencialista, como seria interessante estudar – um revolucionário e um nacionalista místico, um cristão gnóstico, e, portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e, sobretudo, à Igreja de Roma (CASAIS MONTEIRO, 1981).

O desafio que sua poesia representa para o leitor está na genialidade com que o retira da visão estável do mundo (como é, em geral, a visão do cotidiano rotineiro) para levá-lo a perceber, com inquietação, uma existência/outra, ainda desconhecida, e que se presente abissal e decisiva. Lida em conjunto e em confronto, sua produção poética contraria, de imediato, a nitidez de enunciado que lhe é peculiar, pois seus poemas se abrem em leque (ou em labirinto?), se diferenciando entre si, não apenas pela dicção poética que os individualiza, mas porque cada um deles enuncia uma maneira distinta de sentir e conhecer o mundo. É como se "corporificando", os diferentes e conflitantes modos de sentir/conhecer o mundo e a vida, Fernando Pessoa tivesse conseguido "neutralizar" os desequilíbrios e angústias que,

² Leyla Perrone-Moisés, “Fernando Pessoa – Aquém do Eu, Além do outro,” Martins Fontes, 1982.

fatalmente, apareceriam em uma só personalidade (Fernando Pessoa, ele mesmo) vivenciasse tais conflitos. A multiplicidade de cosmovisões é, pois, o que de imediato avulta na produção poética pessoense.

A descoberta da hierática, majestosa e metafórica palavra de Padre Antônio Vieira, à maneira das línguas orientais, foi para ele a chave de um dos mistérios que sua personalidade de adolescente guardava intacto: a inadaptação ao presente, a saudade. Assim veio-lhe naturalmente a idéia de aceitar teosofia e gnosticismo, magia e ocultismo como religião messiânica por excelência. É nos períodos de decadência do espírito religioso que a magia arcaica reconquista adeptos e prestígio. Sua poesia não descreve, não conta, não impõe, não pinta, não tenta convencer.

A religiosidade, o ocultismo e a compreensão da espiritualidade eram por ele cultivadas e estavam, no fim das contas, na ante-sala das suas curiosidades científicas. “Não procure, nem creias: tudo é oculto”, assegurou Fernando Pessoa; depois é contradito por Alberto Caeiro, que afirmou “Porque o único sentido oculto das coisas / é elas não terem sentido oculto nenhum”. Sua mediunidade o levou às práticas ocultistas, à defesa da Rosa-Cruz e da maçonaria, à astrologia, à numerologia. Um intelectualista do tipo que ele era fez entrar na construção mental o que podia caber: o inteligível e o ininteligível, o racional e o irracional, o visível e o invisível, o claro e o misterioso, constituindo um sistema mágico nas suas conclusões, embora desprovido de comprovação objetiva. Tudo se passou como se a sublitteratura mística de onde extraía alento, ao atravessar seu cérebro privilegiado, saísse do outro lado filtrada e rarefeita do ponto de vista religioso.

Fernando Pessoa nunca teve, em vida, o reconhecimento que merecia. Viveu modestamente, em relativa obscuridade. Em vida, teve apenas dois livros publicados: Alguns poemas em inglês “*Antinuos and Sonnets*”, 1918 e *Mensagem*, publicado em 1934 (um ano antes da sua morte). Considerado por muitos seu grande trabalho, este último possui forte caráter místico, em tom notadamente sebastianista. De acordo com uma de suas comentadoras, Cristina Fonseca³, o autor teria tentado dar à obra uma aura de livro sagrado.

Entre as várias práticas religiosas que o atraíram, a astrologia foi um dos temas que despertou a curiosidade do poeta; para cada um dos seus heterônimos mais famosos, ele fez um mapa astral de acordo com a data de nascimento que estabelecera para eles, traçou as

³ Ver “O Pensamento vivo de Fernando Pessoa,” Martin Claret, 1986.

suas características físicas e deu-lhes vida psicológica, seus pequenos gostos e manias e até fez suas assinaturas⁴. Essa biografia própria de cada heterônimo subsidia a utilização de estilos literários diferenciados, e que produzem uma obra paralela a do seu criador.

Fernando Pessoa, apesar de declarar-se um cristão gnóstico, não se alinhava a nenhuma doutrina estabelecida; estava convencido de que não havia intermediários para o sagrado. Sua fé pessoal era inquieta e multiforme.

Deste modo, é claramente perceptível a influência exercida pelo pensamento religioso na obra do poeta lusitano, oportunizando, portanto, uma análise compreensiva dos seus poemas. É importante considerar que, na relação texto/recepção, há os processos de produção e de mediação cultural, sendo estes dois processos perpassados pelo valor simbólico da literatura.

No que tange à visão da religiosidade nos principais personagens, tal distinção é mantida. Esse posicionamento permite a Pessoa expor as suas especulações filosóficas usando vozes diferentes. Alberto Caeiro, com uma linguagem simples e vocabulário limitado de um poeta camponês autodidata, aproxima-se da atitude *zen-budista* de pensar para não pensar, desejar não desejar.

Caeiro coloca-se, portanto, como combatente do misticismo, rejeita o desejo de perscrutar o mistério por trás de todas as coisas, busca vê-las como elas são, aproximando-se assim de uma abordagem fenomenológica. Tentando afastar-se da reflexão acerca da essência de Deus, escreve um poema ousado “Guardador de rebanhos, poema VIII” em que apresenta um menino Jesus humano, ousado, travesso e alegre.

Discípulo de Caeiro, Ricardo Reis era um erudito, que insistia na defesa dos valores tradicionais. Seus poemas são odes, poemas líricos de tom alegre e entusiástico cantado pelos gregos, que recorrem sempre aos deuses da mitologia grega. Para Reis, os deuses estão acima de tudo e controla o destino dos homens.

Acima da verdade estão os deuses.

⁴ Para uma descrição dos heteônimos ver Obras em prosa, in: “Os outros eus”. Carta enviada de Fernando Pessoa para Adolfo Casais Monteiro.

Nossa ciência é uma falhada cópia

Da certeza com que eles sabem

Que há no Universo [...]

Álvaro Campos, por sua vez, influenciado pelo simbolismo, escreve versos de teor autobiográfico e muitas vezes pessimista, amargurado e insatisfeito. Avulta aos olhos sua aproximação com a metafísica.

Quanto mais unificadamente diverso dispersadamente atento

Estiver, sentir, viver for

Mais possuirei a existência total do universo

Mais completo serei pelo espaço inteiro fora

Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for

Porque seja ele que for, com certeza é tudo,

E fora d'Ele há só Ele, e tudo para ele é pouco [...]

Os poemas que assinou com o seu próprio nome têm forte caráter místico-ocultista. Em “Mensagem” expõe a sua crença que o rei de Portugal D. Sebastião não havia morrido durante uma batalha, em 1578; ele retornaria ao trono para que o país voltasse a ser uma super nação, criando o “Quinto Império,” marcando a supremacia de Portugal sobre o mundo:

Grécia, Roma, Cristandade,

Europa, os quatro se vão

Para onde vai toda idade

Quem vem viver a verdade

Que morreu dom Sebastião?

2 INTERAÇÕES ENTRE ARTE, RELIGIÃO E CIÊNCIA

Arte e sociedade mantêm vínculos estreitos. A literatura é uma instituição em que a transgressão, impossível fora dela, torna-se possível. Ela, por exemplo, absorve e expressa as condições do contexto em que é produzida, e está sujeita às variações ou mudanças que nele ocorrem. Antônio Cândido sempre põe em relevo os elementos que "circulam no subsolo dos textos" como reminiscências de leituras e dados que fazem parte do patrimônio mental do escritor. Assim sendo, a expressão da religiosidade nos poemas de Fernando Pessoa, bem como as relações desta com e na sociedade oferecem um caminho convidativo à pesquisa.

A linguagem poética é anterior à linguagem em prosa, que veio mais tarde, com todas as suas complicações, conjunções etc. O fato de que ela venha durando tanto tempo não sugere que a poesia corresponda a uma demanda profundamente enraizada na alma dos seres humanos?

Com relação à sociologia da literatura, ou no sentido mais amplo, ao estudo da literatura em suas relações com a sociedade, a dificuldade maior tem sido a de se superar a divisão que opõe a análise interna (ou formalista) e a externa (tributária de princípios exteriores à obra). Objetivamos superar essa divisão que reduz o fenômeno e empobrece a análise, incorporando a dimensão textual, geralmente negligenciada, às análises "sociológicas" da literatura.

Uma das primeiras propostas de superação dessa divisão veio da tradição marxista, que permitiu, na década de 1950, o surgimento de abordagens que pretendiam incorporar à sociologia da literatura a análise da dimensão textual. Lukács afirmou que a razão de quase não existir uma sociologia da literatura está no fato de que ela procurou demonstrar que as condições econômicas de sua época são a causa última e mais profunda das suas condições sociais e, por conseqüência, em determinar a causa imediata do fenômeno artístico; para ele, "a ação das circunstâncias econômicas é sempre indireta e só pode ser determinada como tal" (LUKÁCS *apud* PAULO NETTO, 1992).

Ainda nesse sentido, outra abordagem fértil foi a de L. Goldmann, segundo a qual a relação entre texto e a realidade social se daria através da noção de visão de mundo. Ou seja,

trata-se de perceber a correspondência entre a estrutura da visão de mundo do grupo social a que pertence o escritor e a estrutura da obra em análise. No entanto, uma das principais críticas feitas a Goldmann diz respeito à sistematização das categorias de análises, pois mostra o comprometimento de seu método com a divisão entre leitura interna e externa, tornando assim a sociologia da literatura cativa da análise externa. Entretanto, a relação entre literário e social, em termos de mediação, deixou uma herança bastante fecunda nos estudos literários.

Nos anos 1960, surge a sociocrítica na tentativa de superar o hiato entre o intratextual e o extratextual. A dimensão textual (ou estética) constituiria o ponto para onde convergia o estudo da dimensão social do texto, interessando, pois, ao analista desenvolver noções e conceitos que permitam apreender a forma como os discursos sociais são transformados e redimensionados no e pelo texto. É questionável o fato de que a sociocrítica prioriza a dimensão social no texto em detrimento da dimensão social do texto. Rompe com a cadeia de fenômenos dentro do qual se insere o fato literário, desvinculando o sentido das suas condições sociais de produção.

Bourdieu evidencia a relação do processo de concepção de uma obra-de-arte e o espaço social onde ela é produzida, recolocando o problema da relação entre a literatura e a sociedade, segundo uma lógica relacional – que privilegia as relações objetivas –, em oposição ao pensamento substancialista, que prioriza as diferentes realidades sociais, consideradas em si e para si mesmas. O pensamento relacional vai orientar a sua teoria, constituindo uma escolha metodológica que rompe com a tradição teórica/crítica dos estudos literários. O campo literário seria, portanto, uma instância mediadora (não a única) entre as esferas social e textual. A sociedade agiria sobre a obra, mas de forma indireta, através da mediação do campo – na medida em que a estrutura do campo é susceptível de sofrer mudanças determinadas por fatores externos, e mudanças na estrutura do campo são mudanças nas regras do jogo – ou da arte.

Tentando retrabalhar a teoria do campo literário na direção do texto, A. Viala traz uma importante contribuição – aliando duas disciplinas: a poética e a sociologia literária – que permite ao sociólogo (assim como ao profissional de letras) analisar o texto, segundo as exigências lógicas de suas áreas de investigação, engajando-se num trabalho de estudo de

significação, de acordo com o protocolo científico (A. VIALA *apud* DANTAS, 2000). Esse diálogo entre uma poética das formas e uma sociologia literária não se limita, no entanto, somente aos domínios compreendidos por essas duas disciplinas; possui desdobramentos em campos vizinhos como os da semiótica, da história e da sociologia geral. A. Viala concebe a literatura como um prisma: complexo jogo de mediações (metáfora óptica para designar o efeito das instâncias de mediação no texto literário), em que o objetivo é tornar operacionalizáveis os princípios da teoria de Bourdieu.

A imagem do prisma [...] sugere um objeto com várias faces, que seleciona e modifica os raios que o atravessam mas cujo aspecto, luminosidade, são modificados pelo impacto desses ramos. (A. VIALA *apud* DANTAS, 2000).

Factualmente, o projeto da sociopoética – por ele proposta – vai bem mais além dos desdobramentos e implicações dos efeitos prismáticos no e do texto, pois insere também, em seu questionamento, discussões atinentes a uma “sociopoética da recepção”: a instituição do texto que precisa se fazer, aceitar, instituir-(se) e a inscrição do destinatário, ou seja, da figura social do leitor que o texto supõe, selecionando, por esta via, seus destinatários privilegiados. Os efeitos prismáticos se dariam, assim, segundo as posições ocupadas pelo autor, pelo texto e pelo leitor.

O nosso trabalho situa-se também na esfera dos estudos da religião; assim sendo, faz-se necessário estabelecer a nossa postura dentro desse campo. Não empreenderemos uma busca pela explicação, função ou sentido do fenômeno a ser estudado, pois, se assim o fizéssemos, cairíamos no risco de um perigoso reducionismo. Perseguimos uma aproximação com a abordagem inclusivista e religiosa, crendo que, desta forma, poderemos ter uma melhor compreensão desse fenômeno religioso em estudo. Objetivamos conduzir o estudo sem desintegrar o fenômeno e nem cair na apologética religiosa.

Para Berguer toda sociedade é um empreendimento de construção do mundo, e a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. Nos poemas de Fernando Pessoa, vemos exteriorizadas concepções religiosas, do autor que, valendo-se de

personagens, expõe representações de sua religiosidade, que em princípio pode nos parecer difusa.

Compreender que a sociedade se radica na exteriorização do homem, isto é, que ela é um produto da atividade humana, é particularmente importante devido ao fato de que a sociedade se afigura ao bom senso como algo muito diferente, que independe da atividade humana. (BERGUER, 1985, p. 21).

A representação simbólica do que é sociedade é também uma construção do universo simbólico religioso. Desta forma, compreender as representações da religiosidade na obra de Fernando Pessoa é, por conseguinte, compreender as suas representações sociais.

Para o indivíduo existir num determinado mundo religioso significa existir no contexto social particular no seio do qual aquele mundo pode manter a sua plausibilidade. (BERGUER, op. cit).

Assim sendo, interessa-nos explicitar o comprometimento religioso na poesia de Fernando Pessoa, bem como o estabelecimento do contorno destes comprometimentos, tendo em vista as diversas expressões da sua religiosidade, considerando as conexões entre as condições históricas gerais e particulares, como também o acolhimento desta literatura e a relação estabelecida com os leitores, a partir das representações da sua religiosidade. O pensamento religioso de Fernando Pessoa, tão intenso e diversificado, denotaria uma personalidade fluída e uma volatilidade espiritual ou poderia abranger uma dimensão da invisibilidade religiosa proposta por Thomas Luckmann (1964).

3 UMA SOCIOPOÉTICA

Se observarmos os princípios subjacentes aos vários discursos sobre literatura, certamente perceberemos que toda tradição se encontra estruturada segundo uma lógica de paradoxos, de pares de oposições, de alternativas que se excluem mutuamente. Desse modo, ou se defende a análise intrínseca ou se é partidário da leitura extrínseca; ou se faz crítica impressionista ou se é adepto do positivismo; ou apega-se à crítica biográfica ou proclama-se a morte do autor; ou se adere à visão da obra como realidade autotélica ou adota-se o

princípio de que a literatura é o espelho reflexo da sociedade. Estas dicotomias engessam o estudo da literatura e tendem a diminuir a relevância ou a pertinência da divisão um tanto simplificadora entre realidade extratextual e intertextual. Portanto, propomos, neste trabalho, um diálogo efetivo entre as esferas literárias e social. Esta perspectiva abriu-se ao abordarmos a literatura de forma desmistificadora, como uma realidade social, entre outras, como constatou Bourdieu:

(...) as tomadas de posição sobre a arte e a literatura (...) organizam-se por pares de oposições, geralmente herdadas de um passado de polêmica, e concebidas como antinomias insuperáveis, alternativas absolutas, em termos de tudo ou nada, que estruturam o pensamento, mas também o aprisionam numa série de falsos dilemas (BOURDIEU, 1996, p. 72).

A sociopoética complementa a perspectiva da abordagem institucional, ali onde esta se mostrou insuficiente: dar conta do texto. Ela trabalha assim a teoria dos campos numa perspectiva que aponta para a textualidade, ao mesmo tempo em que abrange o fenômeno literário em várias esferas: produção, circulação e recepção.

Cabe-nos, portanto, utilizar ferramentas das pesquisas qualitativas, a fim de encontrar pistas que nos ajudem a compreender a representação da religiosidade neste poeta, além de buscar, através de uma pesquisa bibliográfica exaustiva, a compreensão do contexto de produção e de recepção dessas poesias, bem como a sua aceitação. Poderão, ao longo da análise, ser utilizadas entrevistas com pesquisadores do assunto que contribuam para a construção/desconstrução da hipótese estabelecida, possibilitando sua ampliação ou reformulação.

Para produzir inferências de um texto para o seu contexto social, de maneira objetivada, a técnica utilizada é a análise de conteúdo. Distinguiremos dois objetivos básicos da análise de conteúdo, como nos sugere Bauer ao refletir sobre a natureza tríplice da mediação simbólica: um símbolo representa o mundo; esta representação remete a uma fonte e faz apelo público. Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através destes contextos. Se focarmos a fonte, o texto é um meio de expressão. “Fonte e público são o contexto e o foco de inferência. Um corpus do texto é a representação e a expressão de quem escreve” (BAUER, 2002, p. 192).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tratar-se de um trabalho de pesquisa em que utilizaremos as ferramentas da hermenêutica, objetivamos, a partir da análise interna/externa das poesias de Fernando Pessoa, bem como da compreensão obtida pelos mais eminentes comentadores, compreender a intenção comunicativa do autor e da sua obra, além de mapear as expressões da religiosidade nas obras desse poeta.

A poesia de Fernando Pessoa demonstra um tipo de religiosidade não comum em sua época, entretanto, bastante usual nos dias atuais, pois, ao invés de abraçar uma única religião, opta-se pela escolha de elementos de várias religiões constituindo, assim, um tipo de personalismo religioso, uma espécie de “religião a *la carte*”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikal. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. (Org.) BAUER & GASKELL. Petrópolis/RJ:Vozes, 2003.
- BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: outra vez te revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda/Cátedra Jorge Sena, 2004.
- BERGUER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. Barcarena/Portugal:Presença, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1965.
- DANTAS, Marta Pragana. **O que pode a sociologia da literatura pela literatura?** João Pessoa: CAOS, 2000. n. 2, nov.
- FONSECA, Cristina. **O pensamento vivo de Fernando Pessoa**. São Paulo: Martin Claret, 1986.
- GOLDMANN, Luciem. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LOESBERG, Jonathan. **Bourdieu e a sociologia da estética**. In: <www.geocities.com/ptreview/16-loesberg.html> acesso em 29/7/2005.
- LOPES JR. Orivaldo P. **Ciências sociais da religião e estudos religionistas: exclusões e inclusões**. Apostila. Natal, 2002.
- MONTEIRO CASAIS, Adolfo. **Fernando Pessoa: Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1981. v. 1. (Coleção nossos clássicos).
- NOVAES, Adauto. **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PAULO NETTO, José. (Org.) **Lukács**. São Paulo: Ática, 1992.(Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- PERRONE- MOISÉS, Leiyala. **Fernando Pessoa – Aquém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PESSOA, Fernando. **Obra em Prosa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.
- _____. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

QUEIROZ JÚNIOR. Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira.** São Paulo: Ática, 1975.